

FÁBIO COELHO
MAYARA COELHO
PÂMELA GONÇALVES

MEU FILHO AUTISTA

CRÔNICAS DE UMA
FAMÍLIA AZUL

Organizador: Fábio Coelho

Autores: Fábio Coelho, Mayara Coelho, Pâmela Gonçalves

Meu filho Autista – Crônicas de uma família
azul

2016

Meu filho Autista – Crônicas de uma família azul

Este e-book é uma cortesia da Innova Psy à todos que se cadastraram no Simpósio Nacional de Autismo

Apresentação

O documento que você está prestes a ler é um exemplo de conteúdo que você irá encontrar em nosso site. Uma linguagem simples, divertida e emocionante, mas também carregada de conhecimento científico. Esta leitura é para você, que convive com uma criança com TEA ou desafio similar, se enxergar nessas histórias, traduzi-las para o seu dia a dia, e sentir um enorme apoio nas palavras, vindas de pais que sabem as dificuldades que você enfrenta. Sabe que você também tem diversas histórias para contar. Afinal, elas não são o sentido das nossas vidas? Convido vocês a mergulhar conosco nessas histórias do mundo Azul!

Várias formas de aprender

Certa vez, ouvi da escola que o nosso filho autista, talvez não estivesse acompanhando o aprendizado da turma. Eu sabia que essa hora iria chegar. Sabia que um dia, talvez meu filho com desenvolvimento atípico tivesse que, alguma vez, repetir de ano. Mas não imaginei tão cedo, não imaginei que ele não acompanharia a educação infantil. Nosso filho ainda não falava verbalmente, por isso não sabíamos o que realmente ele havia aprendido. Na escola estavam ensinando as cores, as noções de tamanho, vogais e os números de 1 a 9. Sempre havia lição de casa no livro ou numa folha, mas o menino não demonstrava interesse. O mesmo desinteresse e inquietação que acontecia em casa na hora de fazer a atividade, também acontecia na sala de aula.

Até que um dia, na praça onde costumávamos levá-lo, ele olhou a “amarelinha” desenhada no chão com os números e, ao invés de pular, ajoelhou-se e começou a contar: ‘sum, sois, seis, satro, cinco, seis, sete, soito, sove, sez” ele contou da forma que ele sabe, de um a dez. Meu marido gravou no celular e ficamos repetindo o vídeo várias vezes emocionados. Ele não estava apenas falando, mas reconhecendo os números!

Outro dia, ao invés de contornar a letra no livro, fazer pontinhos, desenhos ou escrever e obriga-lo a escrever, apenas pendurei um painel grande e colorido das vogais. Deixei o ambiente em silêncio peguei sua mão e fui a, e, i, o, u. Na terceira vez ele quem falou. Sim, ele havia aprendido as vogais!

Num outro momento, com o ábaco, que nós, os pais já fazíamos, percebi que apenas falando vermelho, preto, etc. Ele já o fazia sozinho. Sim ele havia aprendido as cores!

Foi quando eu aprendi que existe mais de uma maneira de ensinar, e mais de uma maneira de aprender. Em sala, ele não demonstrava o quanto estava aprendendo. Pela agitação, por não estar sentado o tempo todo, ou por não falar verbalmente. Mas em casa, observando e brincando com ele, percebemos o quanto ele aprendeu a ponto de chegar num parquinho e dedilhar os números ao invés de correr a quadra inteira. O conteúdo era o mesmo. Apenas mudamos o “material” didático livro, caderno, lápis para: parque, brinquedo, cartaz.

Mayara Coelho

Tudo temperado com areia

Era assim que ele comia: retirava o biscoito do pacote, dava duas batidinhas no chão, uma de cada lado, e só então levava a boca. Sal, ketchup, mostarda, azeite, sazón? Que nada! Tempero bom era areia mesmo. Variava a origem: da praia, da planta, da casa dos outros... A mãe distraía 5 segundos lá ia ele “temperar” o alimento. Não somente biscoito, mas a batata frita, a linguiça do churrasco, a fruta e até mesmo o açáí ficavam ótimos com o crocante natural da terra.

Foi uma das fases. Passou. Porém em meio ao nojo da mãe e desespero do pai, há de se lembrar de um dia incomum. Trata-se do dia em que, a mãe amante infiel da culinária, especificamente da confeitaria, foi se aventurar nas receitas de um novo livro. A torta de maçã. daquelas americanas que nos filmes se coloca na janela para esfriar.

O menininho que comia tudo com areia, ao ver essa torta esfriando, pôs o indicador na torta e colocou na boca e eis que surge uma palavra nova no seu vocabulário: Eca! Ainda tentou colocar areia no dedinho e voltar com o mesmo na torta para ver se melhorava mas, o veredito estava dado: Eca! A mãe, anestesiada de ouvir o filho autista falar ficou em dúvida quanto sua habilidade na cozinha. Em parte feliz, o filho falou. Em parte triste, a torta estava ruim, nem areia dava jeito.

Mayara Coelho

Será que é Autismo?

O diagnóstico de Autismo, longe de servir como rótulo, deve fornecer aos pais as informações necessárias para um bom programa de intervenção. É um momento de conhecer a gravidade do problema, mas também as possibilidades de compensar os déficits do autismo, assim como os perigos dos tratamentos que prometem curas milagrosas e que, via de regra, são prejudiciais à criança. Mesmo difícil, o momento do diagnóstico não deve ser adiado. Mas como não adiar se o médico diz “cada criança tem seu tempo”? Como não adiar se a avó diz “o menino é inteligente, ele não tem nada”? Como não adiar se a terapeuta diz “mãe, você só está focando nos pontos negativos”?

Cada criança tem seu tempo mas há de se ter consenso que uma criança que não emite uma palavra com 2 anos de idade precisa de uma avaliação. É evidente que um menino que, diante de uma festa com diversas crianças da mesma idade, prefere sair correndo e se esconder para ficar se balançando por horas precisa de uma avaliação.

Isso não é coisa da sua cabeça mãe! A gravidade e a seriedade do diagnóstico devem ser proporcionais ao apelo para mobilizar nos pais suas mais nobres qualidades e sentimentos, pois estes serão, sem sombra de dúvida, os mais importantes componentes do plano de tratamento da criança.

Fábio Coelho

Ouçã o caminho que a vida direciona

Pré e pós diagnóstico do autismo em seus filhos, algumas mães encaram um dilema que vai de encontro com a sociedade moderna e atual: necessitam parar trabalhar. Algumas, claro, não precisam abrir mão de suas carreiras, mas este texto é para aquelas que não encontram outra escolha.

A agenda vai apertando, a correria aumentando, você vive de lá para cá, terapias, consultas, exames, pesquisa, enfim, muitas atividades são agregadas ao cotidiano devido ao tratamento e acompanhamento do seu filho. Um turbilhão de tarefas que nunca imaginou caber no seu horário já tão minimamente dividido entre o trabalho, o trânsito, as ocupações em casa e o lazer. Se antes de engravidar já não tinha muito tempo, imagina com o aumento de coisas que se há de fazer para que seu filho tenha maior qualidade de vida?

Nesta hora, se propõe uma balança: como encaixar toda a rotina do autismo e conciliar com a carreira? O que posso evitar de fazer para render o tempo? As primeiras coisas que se deixa de lado para dar conta de tudo são: as ocupações da casa, (se pode pagar uma diarista, problema resolvido, senão, as roupas se acumulam por todo canto, a poeira vem, e a tendência natural é abrir mão do segundo item) e o tempo para si. Pois assim, se arruma a casa, se economiza com a faxineira, se economiza com a academia, se economiza com salão, pois unha e cabelo podem ser feitas em casa. Mas tem a roupa para lavar, lembra?

O trabalho vai perdendo a qualidade, afinal, ou você não se cuida ou não cuida mais do seu filho. Até que alguns empregos que pagam bem, oferecem o conforto de garantir uma babá para o vai-e-vem de nataçãõ, musicoterapia, equoterapia, fonoaudiologia, nutricionista, terapia ocupacional entre outros. Mesmo assim, será que essa babá tem o mesmo interesse ou conhecimento sobre autismo que uma mãe presente? Se você estivesse nestes momentos, o seu filho teria o mesmo desenvolvimento?

É aí que algumas coisas são repensadas e o que parecia compensar já não compensa mais. A difícil decisão de abrir mão da carreira e se tornar do lar, em era de feminismo é tão complicada que se perde o sono. Não que seja obrigatório. Na verdade, como foi dito, este texto é para quem fez a escolha de ficar em casa. E acredite, se caso você fizer esta escolha, haverá dias compensatórios. Você irá acompanhar toda a evoluçãõ do seu filho, estará presente em todos os momentos e estará mais disposta, menos cansada e haverá mais tempo para si mesma. Afinal uma hora ele irá estudar e você pode procurar uma horinha de pilates, caminhada, academia, nataçãõ...A casa, por você estar presente, terá faxina constante, é verdade, mas você terá mais tempo de execuçãõ e flexibilidade. Aliás, flexibilidade é um tesouro!

Por outro lado, haverá dias nebulosos, onde a sensaçãõ de improdutividade tomará conta de você, quase levando à depressãõ. Ver seus

colegas de turma fazendo mestrado, outra graduação ou aquela pós que estava quase certa, não vai ser legal. E pedir dinheiro para companheiro, para uma geração criada para a independência é um retrocesso, certamente. É a fase mais difícil. Pode acrescentar brigas por causa do orçamento, pois você demorará a se adaptar.

Sim, é uma decisão complicada.

Há prós e contras. Por isso sugiro a você leitora que está vivenciando este processo ou que abriu mão de sua carreira que invista no seu filho e em si. Invista nele. Pesquise, leia, converse. Invista em novos tratamentos, alternativos, experimente. Você está em casa para isso! E invista em você. Já se perguntou porque tudo aconteceu da forma como aconteceu? Talvez seja a vida sinalizando para que você desperte dons, valores, curiosidades e capacidades adormecidas pelo tempo. Existem inúmeros cursos online para que você possa fazer. Cursos presenciais também, e ambos gratuitos! Da mesma maneira, existem formas alternativas de fonte de renda, que servirão para esta fase da sua vida. Quem sabe a confeitaria, a costuraria, o artesanato que pode ser vendido pela internet, ou outras opções que sejam fáceis de exercer de acordo com sua disponibilidade.

Quem sabe não tem dentro de você uma escritora, autora, compositora, pedagoga, musicista, líder de grupo de apoio, professora especial?

Acredite, o seu filho veio mudar a sua história.

Mayara Coelho

Mini adulto

O menino grita na frente da porta e o pai tenta ignorar. “É birra, deixa que vai passar”, ele pensa. Leu outrora que a extinção de comportamento ocorre pela retirada do reforço, que no caso poderia ser a atenção. Ele gostou da Terapia ABA, mas assistiu uma palestra na qual um psicanalista dizia que o behaviorismo não respeitava o desejo da criança.

A terapeuta também insistia muito nos treinos estruturados e seu filho não queria mais entrar na sala. Mudou para o Programa Son-Rise até ler um texto que dizia que o método não era tão eficiente na hora de colocar limites, a maior dificuldade do pai naquele momento. Ele não conseguia entender o motivo daqueles gritos. Dedicava muito tempo lendo e assistindo palestras sobre o Autismo e procurava colocar todos os ensinamentos em prática.

Iniciou, então, DIR-Floortime mas decidiu tentar a tal dieta que comentavam no grupo de pais do What’s app. “Não adianta substituir o leite de vaca pelo de cabra. Não é a lactose, é a caseína que eles não podem ingerir. Somente leite vegetal” dizia as rigorosas regras. A dieta era só o começo, os suplementos precisavam vir de fora do país pois eram patenteados. Ômega 3, cálcio, magnésio, fibras e antioxidantes. Era isso, agora estava no caminho certo. E assim prosseguiu, homeopatia, CEASE, Biomédico, Quelação...

O pai continuava na porta pensando, “já até comprei um cachorro pois o custo da cinoterapia são mais baixos que o da equoterapia e os benefícios os mesmos”. Ainda tinha a musicoterapia e a natação e agora estava cogitando a hipótese de iniciar as práticas da moda, ozônio e Hiperbárica. Turbilhões de dúvidas e cobranças vinham na cabeça dele neste momento. E os gritos aumentavam. A mãe vendo a cena, explica: Ele só quer ir lá fora brincar no balanço.

Fábio Coelho

Conjugando o verbo no tempo certo

Numa, até então, bela tarde de julho, a Neuropediatra nos confirmou o que já sabíamos. Ela nos disse: "Ele tem características de autismo. Não podemos fechar diagnóstico em uma primeira consulta, mas vamos acompanhando."

Ouvir de um profissional o que você já sabe, é no mínimo um alívio. Alguns podem pensar: "Como assim um alívio?" Pois bem, imagine você suspeitar que seu filho tem algo e ninguém te escutar e ainda achar que você está 'inventando moda".

Então vieram as perguntas...Por quê meu filho? Por quê comigo? O que eu fiz de errado?

Aquilo me doeu tanto, mas tanto...

Naquele mesmo dia, vimos uma matéria na televisão e ouvimos a palavra autismo. Não sei quem correu primeiro para assistir, eu ou meu marido. Cada criança que aparecia tinha algo parecido com o nosso filho. O olhar distante, movimentos estereotipados, a reportagem levou uns dez minutos para encerrar. Não nos olhamos por nenhum segundo. Um escondendo o rosto do outro para parecermos fortes, mas as lágrimas não paravam de escorrer. Neste momento que escrevo, as lágrimas estão escorrendo novamente...

Observava ele brincando sozinho e aproveitava um tempinho para fuçar a internet sobre o assunto. As lágrimas eram tantas que eu não conseguia mais enxergar as letras. Após o diagnóstico tivemos sim o nosso momento de luto, principalmente eu, que estava mais presente e observava todos os detalhes. Meu filho era perfeito, tinha um lindo sorriso no rosto, era carinhoso e puro. Por quê? Por quê? Por quê?

Com o tempo, a gente vai assimilando melhor a situação, e começa a conjugar o verbo no tempo certo. Lê mais sobre o assunto e os medos e as preocupações vão diminuindo. Aquele bicho de sete cabeças já não tem tantas cabeças assim. E você aprende que o autismo não modificou seu filho e que ele continua ali, do mesmo jeitinho. E o verbo conjugado no passado, passa a ser conjugado novamente no presente. Um presente de incertezas, mas com a esperança de um futuro cada vez melhor.

E por isso eu sempre digo: "Meu filho é perfeito, tem um sorriso lindo no rosto, é carinhoso e puro. Meu filho é um anjinho azul."

Pâmela Gonçalves

A chegada do irmão mais novo, ciúmes e cobertores

Foi um susto, os pais não planejaram. Iriam ter apenas 1 filho, mas veio o segundo. Como lidar com irmãos sendo que o primeiro tem o diagnóstico de autismo?

A barriga foi crescendo e o menino olhando timidamente curioso. Houve reforma na casa, o quarto foi mudando, chegaram móveis novos, fraldas, berço, banheira... Até que chegou mais uma pessoa em casa: o bebê. O pai dedicou mais tempo ao filho primogênito enquanto a mãe se recuperava do parto. O menino sem entender o que acontecia ia aproximando devagarinho do berço que ficava no quarto dos pais. Subia na grade e olhava atentamente. Quando o bebê chorava colocava as mãos no ouvido e saía de fininho.

Aos poucos foi se afeiçoando ao irmão, passava a mão na cabecinha, quando o neném chorava e a mãe estava na cozinha puxava pela mão até o irmão, quando mais tarde o bebê engatinhou e os dois queriam o mesmo brinquedo ele cedia ao invés de brigar. Mas teve cena de ciúme: uma vez quando o bebê chorou ele também começou a chorar. Uma vez pediu a mãe para tomar banho na banheira o que já não fazia mais. Uma vez entrou no berço e ficou encolhido no canto. O reizinho da casa tinha que aprender a dividir as atenções. E a mamãe tinha que ter jogo de cintura pra dar conta. Fez o que pode: “se dividiu” em duas, superou o medo de cachorro e adotou justamente um labrador. Deu certo e o menino aprovou a ideia.

Porém, as palavras que não saem das cordas vocais são exprimidas por gestos, olhares e atitudes. A mãe notou que o gurizinho começou uma nova travessura: retirava todos os lençóis, fronhas, colchas, travesseiros, edredons, cobertores, e esparramava-os ao lado da cama dos pais. Todo dia, retirava tudo e espalhava no chão. A mãe dobrava e guardava quando o menino saía ou dormia, mas ao chegar da escola, ao retornar das terapias, quando voltava da igreja ou ao acordar, enfim, ele abria a parte central do armário e derrubava-os todos novamente. No começo, a mãe chamava atenção, depois ela o deixou fazer simplesmente por achar ser mais uma fase.

Era mais que isso. Ele estava dizendo que queria a caminha dele no mesmo quarto. E para isso juntava tudo ali, dormia ou assistia tevê deitado em cima de tudo. Levou um bom tempo para que a mãe entendesse que o que ele queria ao invés de apenas bagunçar, era uma forma de dizer: “Por que ele dorme com vocês e eu não?”

O nó na garganta da mãe, quando finalmente caiu a ficha diante disto, tirou a tranquilidade do lar. A sensação mista de incapacidade, insensibilidade e de fracasso a levou a pensar e repensar em que estaria errando, que mais um filho poderia atrasar o desenvolvimento do primeiro filho e o que haveria de se fazer. Em meio a esse turbilhão de pensamentos negativos ela se deparou com algo que ainda não havia pensado: O menino que antes não demonstrava

saudade, que quando os pais chegavam em casa, continuava como se nada tivesse acontecido, ao invés de ir e os recepcionar na porta com um caloroso abraço ou de chorar pela ausência deles, situações que levaram a investigação do autismo, hoje, tem uma reação de ciúme tão pura e cúmplice como esta: o seu lugar no quarto dos pais.

Foi aí, neste exato momento, que a mãe percebeu que mais um contribuiria para o todo. Completaria, complementar. Era o que faltava.

Mayara Coelho

Alerta vermelho

Uma vez surgiu um convite para um aniversário de 15 anos. Compramos uma roupa linda para João e ele foi para a festa parecendo um príncipe. Na época não tínhamos carro e o desconforto dele era visível. João não estava feliz naquele salão cheio de pessoas e logo ligamos para um táxi para irmos embora. A festa havia terminado para nós, antes mesmo de começar. O táxi não andou 10 metros e João já estava dormindo. Só acordou em casa para "mamar". Com essa experiência, percebemos que nosso filho não suportava lugares barulhentos. Com o passar do tempo, percebemos outras coisas também. Ele não gostava de visitas e quando chegavam em nossa casa, passava-se poucos minutos e ele levava quem quer que fosse até a porta para irem embora. Meu pai uma vez contou que ele foi brincar com o João e ele não esboçou reação alguma, meu pai estava com as mãos molhadas e espirrou um pouco de água no rostinho dele e do jeito que ele estava, ficou. Alerta Vermelho!

Meu filho não gostava de ficar aninhado no meu colo, não suportava barulhos, brincava de maneiras diferentes, não gostava de visitas, não respondia a estímulos e mal olhava nos meus olhos...

Começava a nossa peregrinação em busca de respostas.

Voltamos mais uma vez na pediatra e ela nos encaminhou para um otorrino para alguns exames de audição, pois parecia que Giba não ouvia tão bem assim. Tudo normal!

Então voltamos a pediatra, que nos encaminhou a um neurologista.

Meu marido e eu já tínhamos nossas suspeitas, mas no primeiro momento não falamos nada. A consulta foi muito rápida. O médico olhou para nosso filho, escutou o que contávamos e nos olhava como se estivéssemos inventando histórias. No final da consulta falamos sobre AUTISMO e ele pegou o telefone e disse para alguém que estava do outro lado da linha: "Se eu fizer uma ressonância magnética saberei se a criança é autista?"

Eu com toda a educação do mundo lhe disse: "Não Doutor. Infelizmente não há no mundo um exame que diga se uma pessoa tem autismo. "Ele respondeu: "Sim, eu sei. Vamos fazer uma ressonância magnética só para descartar alguma outra alteração."

Passamos por mais 3 especialistas e nada de novo foi apresentado. Fizemos então a tal ressonância, que não deu em nada de significativo, a não ser uma carne esponjosa no ouvido direito dele. Levamos o resultado para o otorrino e já saímos do consultório com uma cirurgia marcada. Correu tudo bem na cirurgia. João teve que tomar uma segunda anestesia geral, pois a primeira tinha sido para fazer a tal da ressonância. A cirurgia foi simples e levou em torno de 20 minutos. Ele entrou no bloco cirúrgico às 7h da manhã e às 10h20min recebeu

alta. Às 13h já estava correndo pelo pátio como se nada tivesse acontecido. Mas os problemas continuavam...

Nossa última aposta seria uma neuropediatra cuja consulta eu havia marcado meses antes. Meu marido e eu já tínhamos quase certeza do diagnóstico do nosso filho. Confirmaram-se nossas suspeitas.

Pâmela Gonçalves

Birras, quando o azul muda de cor

As birras em crianças autistas são geralmente muito mais graves do que as "normais". E como fazer para controlar esse comportamento em nossos pequenos? Como pais, devemos dar limites aos nossos filhos desde muito cedo e nunca passar a mão na cabeça deles, colocando o autismo como desculpa. Lembre-se: você não é um(a) coitado(a) e muito menos seu filho.

Outra coisa importante é determinar a causa do comportamento que pode ser: sensibilidade à luz, barulho, ou certas texturas, salas superaquecidas, cães latindo, ou simplesmente uma mudança na rotina. Meu filho nunca foi de fazer muitas birras. Antes de mudar a rotina dele, eu explico bem direitinho o que vamos fazer e como vamos fazer. Um exemplo: Se ele precisa ir ao médico no dia seguinte, já no dia anterior eu explico para ele que vamos sair de casa, pegar o carro ou ônibus e visitar o médico. Que vamos almoçar na rua e que só voltaremos para casa de tarde, etc.... Eu sempre explico ao meu filho o que vamos fazer. Claro que às vezes tem choro, às vezes ele não quer fazer o que está programado, mas qual a criança que não chora quando é contrariada?

Outro dia vi uma cena de uma mãe com o filho diagnosticado com autismo. Eles estavam na parada do ônibus e o menino não queria sair de casa. Ele chorava muito, mas a mãe tinha que ir até o centro da cidade. Vi que ela olhou para os dois lados disfarçando e foi embora...Para onde? Foi embora para casa. Deu a volta com seu filho para dentro de casa e, detalhe, o menino não tem nem três anos. Não estou criticando aquela mãe. Quem sou eu? Mas tive a oportunidade de dizer a ela que é mesmo difícil, mas que temos que dar limites para eles enquanto são pequenos, porque depois eles crescem e nós não poderemos mais tomar as rédeas da situação.

Acho que já cometi muitos erros parecidos, mas aprendi. Na verdade, aprendo todos os dias com cada um deles. "Sem plateia não há show!" Muitas vezes, nós ajudamos a manter o comportamento inadequado do nosso filho. Não é por mal, lógico, mas o estresse, a ansiedade, o preconceito, fazem com que optamos pela alternativa mais fácil. Dar o que ele quer para a birra cessar. O alívio imediato vem acompanhado de uma birra mais frequente e mais forte em ocasiões futuras. Nossa, é complicado, não é mesmo?

Pamela Gonçalves

Quem canta seus males espanta

O dito popular quem canta seus males espanta será verdadeiro? Faz sentido cantar para crianças? É possível ensinar através da música? Bem, estudos já comprovaram que o uso da música na educação, auxilia na concentração, atenção, no desenvolvimento do pensamento lógico, favorece na aquisição de conceitos e de regras, colabora para uma melhor aquisição da linguagem, melhora a leitura e interpretação de texto. A música contribui para o desenvolvimento psicomotor, socioafetivo, cognitivo e linguístico, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, imaginação, memória, além de contribuir para uma efetiva consciência corporal.

Sabendo disso, é óbvio que toda família azul revela ao menos um grande vocalista, de fazer passar vergonha personagens como Caetano Veloso e Gilberto Gil. O repertório passa por Galinha Pintadinha e chega ao Patati e Patatá. A música mais pedida é “Alecrim Dourado”. Logicamente, esse pedido vem pelo olhar atento, de uma criança que não precisa de muito para ser feliz. Talvez uma caixinha de suco K, uma rosquinha Mabel, uma piscina e, é claro, uma boa música.

A linguagem musical é um excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social. Os pais também não precisam de muito para ser feliz. Um sorriso e um abraço desse anjinho são suficientes!

Fábio Coelho

Nutella

O quarto não tem mais o mesmo movimento depois que a cachorra chegou. O menino nunca foi de brincar com carrinhos, trens, bolas. Gostava mesmo era do incomum: panfletos de supermercados, lojas de departamentos, de farmácias, olhava os preços enquanto colocava a mão no queixo como uma pessoa que realmente está procurando algo para comprar. Os livros de faculdade dos pais, aqueles sem uma única figura também eram grandes atrativos, da mesma forma, os gibis, jamais se viu um leitor que não sabia ler tão assíduo na biblioteca como o garotinho, que chegava ao ponto de enrugar a testa como se estivesse pensando: Interessante. Também ficava horas mexendo na areia, (teve fase que até comia) e apreciava observar a água cair da torneira, do chuveiro, ir embora no vaso com a descarga. Os brinquedos ficavam empoeirados no quarto que foi verde e agora era azul. O dvd sim, praticamente já sabia colocar e retirar suas músicas preferidas. Até Nutella chegar.

O interessante é que até então ele tinha medo de cachorro. Igual a mãe. Mas como boa labradora que é, não o deixou em paz até que ele saísse um pouco do seu “mundo azul” para dar-lhe um pouco de atenção. No começo foi um caos. Ela pulava e ele se assustava e começava a chorar. Deva-lhe umas mordidas e ele ficava muito chateado. Mas ela não podia ficar presa no canil. Ele não deixava. E os dias foram passando e a amizade aumentando e as diferenças diminuindo.

Agora já eram amigos, a porta do pátio não podia ficar fechada, ele tinha que dormir observando a amiga. Só não dormia na mesma cama porque a mamãe não deixava. A amizade se fundou numa troca: a cachorra o ajudou a fazer amizades, ele a ajudou a perder o medo de escadas. Puxava a amiga pelas orelhas subia e descia pelos degraus. Ela fiel, enfrentou o medo e já sobe e desce sem perigo. Ele monta, beija, abraça, e faz as necessidades no mesmo lugar que a amiga quando ninguém está por perto. Ele entra no bebedouro dela, durante dias de Sol escaldante e ela espera ele sair para saciar a sede. Ele aprendeu a levar os amigos para dentro da casa da cachorra e eles ficam lá imitando cães, a Nutella espera pacientemente do lado de fora até que a brincadeira acabe. Não há necessidade de palavras. Somente “au,aus”. Ideal para quem é considerado ainda como não verbal.

Ao entardecer sentam-se os dois num banco de madeira roído pela labradora marrom de olhos verdes, e assistem ao pôr do Sol. A mamãe continua com medo de cães, mas o filho leva a mão dela até o pelo do animal para que entenda que no silêncio dessa amizade tem muito amor e parceria.

Mayara Coelho

Como é bom brincadeira de criança

Toda criança gosta de brincar, não é mesmo? E os autistas, também? Lógico! Sabemos que, além da diversão, as atividades lúdicas planejadas auxiliam no desenvolvimento de crianças com TEA. Para isso, torna-se necessário que se saiba quais áreas e objetivos pretende com cada brincadeira, diferenciando-se de um simples entretenimento.

Em um ambiente seguro e confortável, e sem excesso de estímulos, os pais podem utilizar o interesse inicial da criança para juntar-se a ela, motivando especialmente a interação, o contato visual e a comunicação. Pode ser que ela se interesse por carros, por bonecas, pelas caixas de papelão, pelas peças do Lego, pela areia escorrendo nas mãos. Ou talvez, ela goste mesmo de pular na piscina, correr, entrar na cabana de lençol...Ela vai guiar, nós devemos seguir.

Além dessas propostas iniciadas pela criança, pode-se utilizar outras brincadeiras como:

- Bolha de sabão: A bolha de sabão é utilizada para estimular o contato visual e a atenção compartilhada. Pode ser solicitada um pedido da criança para que o adulto sopre e um fantoche de algum personagem para pegar as bolhas. A interação estimula a criança a pegar a bolha mais rápido que o fantoche.
- Bola de pilates: Com uma bola de pilates, é possível brincar quicando a bola, rolando e pedindo para a criança jogar de volta. Ou colocando a criança em cima da bola, deitada ou sentada, estimulando a interação e promovendo muitas risadas.
- Quebra cabeças, ábacos e aramados, jogos digitais...

A única regra é um espaço seguro e amplo, de modo que a atenção da criança permaneça mais tempo na interação. No mais, o que importa é brincar! Voltar a ser criança, deixar o uniforme de trabalho de lado e cair na gargalhada! E tem coisa melhor?

Fábio Coelho

E de repente faltou luz

Vivemos no piloto automático. Damos conta de nossas demandas sem prestar muita atenção, absortos em preocupações e compromissos. Nossa mente está sempre em atividade constante: lembrando de acontecimentos passados, elaborando planos futuros, ruminando sentimentos, julgando experiências.

Fazemos mais de uma coisa ao mesmo tempo, já pensando na seguinte. Não nos damos conta do nosso ritmo, da nossa respiração, dos sentimentos que nos invadem, dos comportamentos automatizados em nosso repertório. Estamos sobrecarregados o tempo todo entre as exigências dos nossos filhos e as nossas próprias.

Algumas consequências mais imediatas desse estilo de vida são o estresse, a ansiedade, a depressão, a sensação de esgotamento, de não ter tempo para nada e o sentimento de infelicidade. Quantas vezes perdemos momentos alegres por não estarmos conectados naquele momento/naquele local? Esse dia foi diferente, pois de repente faltou luz!

E o pai, que estava indo trabalhar no escritório, deitou na cama de casal. A mãe, que estava descendo a escada para jantar, resolveu permanecer no quarto. O filho, que assistia televisão no outro quarto, ficou com medo do escuro e deitou junto ao pai. O outro filho, ainda bebê, só parou de chorar no colo da mãe.

E assim, sem energia elétrica, a família cantou diversas músicas deitada na cama. O pai puxava um Rock clássico, a mãe um MPB, e cantigas de roda da época da infância...A luz voltou, mas eles continuaram ali, se divertindo por mais algum tempo, no escuro.

Fábio Coelho

De piscina em piscina

Vocês sabiam que a ciência não sabe explicar o motivo do fascínio dos autistas por água? Chegaram a pensar que seria a volta ao útero materno, mas não foi comprovado, até porque a vasilha de água do cachorro e o vaso sanitário não parecem, nem de longe com o útero.

O fato é que na água eles se sentem livres, diminuem as estereotípias, os gritos, as birras e as ecolalias. E por ficarem calmos, têm melhor percepção espaço-temporal e ficam mais motivado para o aprendizado. A água, então, encanta o autista e favorece seu desenvolvimento psicomotor, cognitivo e afetivo, ao mesmo tempo em que sentem liberdade, se sentem seguros num ambiente acolhedor.

Essa obsessão por água faz a gente passar por maus bocados. Ele entra de roupa no chuveiro do vizinho, mergulha na banheira da casa que os pais estão visitando, se joga dentro do tanque de lavar roupa. Mas é na piscina, que o sorriso aparece mais forte. E de piscina em piscina, eles vão vivendo felizes.

Fábio Coelho

É preconceito ou falta de informação?

É preconceito ou falta de informação? As duas coisas caminham juntas, mas quando o assunto é Autismo, a segunda opção parece a mais comum. A sociedade não sabe o que é o autismo, não consegue compreender suas causas e, muito menos como lidar. E a cada olhar, cada cochicho, cada afastamento, cada piada, a pergunta retorna...

É preconceito ou falta de informação, o Professor, diante da demora da menina responsável por passar os slides da apresentação, explicar-se ao público afirmando: “ela é autista”, seguido de gargalhadas?

É preconceito ou falta de informação os olhares no supermercado, diante da criança autista se jogando no chão?

É preconceito ou falta de informação, justificar o isolamento da criança com a pérola: “Ele é assim pois você não joga bola com ele”?

É preconceito ou falta de informação, o diretor da renomada escola dizer para outro profissional que: “Essas crianças da inclusão só atrapalham”?

É preconceito ou falta de informação, a pessoa que ao saber da hipótese de autismo lamentar dizendo: “Provavelmente ele não tem, porque ele é muito bonito.”

É preconceito ou falta de informação, a mãe ouvir da orientadora pedagógica da escola: “Como você quer que eu alfabetize seu filho se ele não fala?”?

É preconceito ou falta de informação, eles não receberem convite para dormir longe dos pais, na casa de um amigo, ou de um familiar?

Fábio Coelho

Autismo x afeição

Uma das primeiras características que ouvimos em relação ao transtorno do espectro do autismo é que eles são “frios” e que não toleram toques ou abraços. De tanto lermos estas informações, acreditamos que os autistas não são carinhosos. E por isso, nos travamos muito para aceitar que meu filho estivesse, dentro do espectro, porque sempre conflitávamos com esta afirmação.

Ele é beijoqueiro, carinhoso e até ciumento! Que dúvida...Foi aprofundando o conhecimento, buscando conteúdos e principalmente conversando com outras mães que percebemos que se tratava apenas de um mito. Pois eles gostam e precisam de beijos e abraços.

Certamente que conviver com uma criança autista é não saber nunca o que vai acontecer, viver sem monotonia, um paradoxo já que ele necessita de rotina. As vezes mudar algo do lugar repentinamente, coisas banais como o copo de água na mesa gera uma agressividade, uma tensão. Formas de expressar a insatisfação diante de fatos diferentes, que não utilizam o uso verbal da linguagem. Com gestos e atitudes.

Assim, do mesmo modo é afeição em alguns casos. Ainda que nunca se tenha ouvido um “eu te amo”, desta forma, com todas as vogais e consoantes, “ouvimos” a expressão de carinho a medida que a criança se incomoda ao ver o pai sem camisa e vai direto ao roupeiro escolher uma para que ele vista, ou o jeito que sempre coloca um biscoito na boca da mãe repetindo sua ação quando lhe serve a comida, entre tantas outras diferentes maneiras de demonstração de afeição: a necessidade que todos deitem ao seu redor para dormir, uma parte do corpo que metodicamente precisa ficar encostada no corpo dos pais na cama king size, ou a corrida em círculos em volta de um amigo.

Acredita-se que, da mesma forma que se instrui as rotinas de vida diária, deve-se instruir ao abraço e ao beijo. Pois eles gostam e muito.

Mayara Coelho

EXTRAS

GAROTINHO LOIRO DOS OLHOS CURIOSOS

Esse garotinho, que desfila seus olhos por todos os objetos do ambiente, procura, procura, até encontrar um objeto que o chama, que o desperta a curiosidade.

Então ele pega, desmonta, vê todas as peças, as mede, as observa atentamente, seus lindos olhos verdes ficam vidrados no seu novo objeto de apreço e não saem dali por nada, existem agora somente ele e sua mais nova descoberta.

Para o que serve esse brinquedo, qual a utilidade desse aparelho, para que ele foi feito, por que essas cores tão vibrantes? Imagino que essas sejam as perguntas que borbulham em sua cabecinha loira, enquanto ele desvira mais e mais aquele objeto tão diferente e divertido.

Variam, os objetos eu quero dizer, de canetas a aparelhos de DVD, passando para gibis e livros, seus olhinhos sempre param em figuras ultra coloridas, suas mãos folheiam rapidamente os livros e voltam ao começo, onde fica por minutos, quase alcançando horas naquele passatempo tranquilo e silencioso.

As palavras ainda não saem com exatidão de sua boca, mas seus olhos expressam para os mais atentos tudo que ele sente, geralmente eles exalam toda a alegria do mundo, é como se alguém tivesse colocado toda a felicidade existente no mundo dentro daqueles verdes cristalinos, outras vezes, sempre que contrariado isso ocorre, seus olhos escorrem lágrimas sentidas e suplicantes para que seus pedidos sejam atendidos, mas, sempre, em todas as vezes, seus olhos mantém essa virtude dos descobridores e gênios: a curiosidade.

Com toda certeza seus olhos o levarão a mundos distantes, galáxias infinitas, aventuras e descobertas, mesmo que seja esparramado no tapete em meio a tantos livros e gibis ou então na praia vasculhando cada grão de areia e medindo cada conchinha, ou em sua piscina inflável e jamais o deixarão ver o mundo sem cor e sem graça, jamais ele verá o mundo se não for com seus olhos curiosos.

Tayná Pontes

Um pouco de poesia....

Foi então que se iniciou

Férias na casa dos avós

Naqueles dias, não houve maior lealdade

Nada impediu a amizade

Entre o menino e o cão.

O cão corria,

O menino seguia

O cão parava

O menino chamava

E assim passavam os dias.

Dias alegres de muita risada

Banho de piscina na manhã ensolarada

Tardes de sol e muita brincadeira

À noite uma olhada para o céu

Admirando as estrelas.

Fim de férias, fim de verão

O menino foi embora mas ficou uma lição

Contrastes de cores, contrastes de raças

Contrastes de língua,

Nada importa, não existe preconceito nas coisas do coração.

Márcia Elisia Coelho da Conceição



1 SIMPÓSIO
NACIONAL DE
AUTISMO
ONLINE

www.simposionacionaldeautismo.com.br